

consciência Bancária

EDIÇÃO DIÁRIA - ANO XXV - Nº 6209 - TERÇA-FEIRA, 18 DE SETEMBRO DE 2018



DIA 29 TEM COMEMORAÇÃO DO DIA DAS CRIANÇAS NO CLUBE

Muitos papais e mães aproveitam o feriadão do 12 de outubro para viajar, por isso, antecipamos as comemorações do Dia das Crianças, para o domingo (29), a partir das 10h, no Clube dos Bancários.

Haverá recreação, brincadeiras desportivas no campo sintético, pintura de rosto e cabelo, escultura de balões, piscina de bolinha, cama elástica e muito mais. O parquinho do clube ficará aberto durante todo o tempo para a criançada. Pipoca, picolé e frutas diversas farão parte do cardápio.

Dia das Crianças

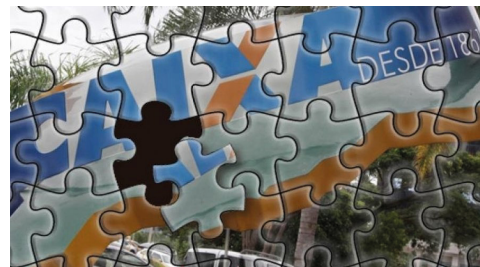


Portanto, anote na agenda e lembrem-se que este ano o Dia da Criança é mais cedo. Traga seus filhos, sobrinhos, netos e venha se divertir num dia destinado à família bancária.

Para os adultos, música ao vivo por conta de Sergio e Zanza!

Dia das Crianças é no Clube dos Bancários!

ADIADA VOTAÇÃO PARA MUDANÇA ESTATUTÁRIA DA CAIXA



A mobilização dos empregados da Caixa resultou em uma vitória, mesmo que temporária, contra a tentativa de privatizar a gestão da instituição. Foi adiada a votação no CA (Conselho de Administração) que tinha o objetivo de alterar o estatuto. A intenção da mudança é permitir que as diretorias da área de controle - jurídica, auditoria e corregedoria - sejam ocupadas por não concursados do banco.

A alteração do estatuto seria votada na semana passada. Por conta da resistência dos trabalhadores, em 2017, a proposta que acaba com a exclusividade dos empregados assumirem diretorias da Caixa foi retirada do texto do novo estatuto. Em anúncio feito em agosto, o CA informou que os próximos vice-presidentes serão escolhidos em processo seletivo externo.

Como a Caixa possui corpo funcional qualificado, o movimento sindical considera a postura da presidência do Conselho Administrativo uma maneira de desvalorizar os empregados. Além de enfraquecer a Caixa, com o apoio do governo. Por isso, a mobilização contra a votação da mudança no estatuto será mantida. (SBBA)

SEGUNDA TEM PALESTRA SOBRE ADOECIMENTO PSICOLÓGICO



Na próxima segunda-feira (24) uma palestra discutirá as consequências das doenças psicológicas no ambiente de trabalho e o suicídio. O evento será às 9h, no auditório do Sindicato.

A médica psiquiatra, Tatiana Aguiar, que faz parte da equipe de profissionais do Centro de Atenção Psicossocial (Caps II), de Itabuna, abordará na palestra quais são os trabalhos desenvolvidos na cidade e o auxílio que todo cidadão deve ter em momentos delicados no ambiente de trabalho. Os ban-

cos, como todos sabem, não fogem a regra.

Fica cada vez mais evidente que as entidades financeiras se importam apenas em aumentar a lucratividade. Cuidar da saúde dos bancários, seja mental ou física, não está entre das prioridades das empresas.

A atividade faz parte da campanha Setembro Amarelo, de prevenção ao suicídio e as doenças psicológicas decorrentes do trabalho durante todo este mês. O suicídio mata mais que as guerras e acidentes juntos em todo mundo. Participe!

TRABALHO INTERMITENTE, A REALIDADE PÓS-REFORMA

Ao contrário do que o governo propagou, a reforma trabalhista não ampliou a geração de emprego. Houve redução nos postos com carteira assinada e uma substituição dos contratos formais por trabalho intermitente, ou seja, com qualidade inferior e direitos reduzidos.

Em nove meses, o Brasil gerou apenas 50.545 empregos formais. No mesmo perí-

odo, 26.300 postos intermitentes foram criados e 13.320 parciais. Ou seja, 78,4% do saldo de vagas desde novembro



foram em contratos precários.

Basta olhar os dados para verificar a degradação do mercado de trabalho. Em dezembro de 2014, por exemplo, a taxa de desemprego era de 6,5%. Quando a reforma entrou em vigor, em novembro de 2017, o índice era de 12%. Agora, está em 12,4%, com 12,9 milhões de desocupados no país. (SBBA)

NEOLIBERALISMO FEZ CRESCER A EXTREMA-DIREITA

Na Suécia, país-estandarte da social democracia europeia, a extrema-direita xenófoba conquistou 17,5% dos votos em eleições recentes. Associando sua raiva aos imigrantes, como acontece em diversas partes da Europa, dos EUA e até no Brasil, a razão do crescimento da direita radical pode não estar tão associada ao ódio irracional contra populações vulneráveis, mas ao sentimento de abandono diante da aplicação de políticas neoliberais, como aconteceram nos últimos anos na Suécia.

Essa é a opinião do renomado linguista, cientista político e filósofo Noam Chomsky, apoiado por um estudo de cinco economistas suecos que mostrava a ligação entre o corte de gastos



em políticas sociais e o crescimento do ódio. Os eleitores da extrema-direita xenófoba têm pouco contato com imigrantes, mas sofreram com as políticas neoliberais do governo sueco em anos recentes. São pessoas deixadas de fora conforme a desigualdade cresceu e que se sentiram abandonadas pelas instituições políticas.

O neoliberalismo surgiu durante uma crise da democracia, nas década de 1970, quando as mentes pensantes do capitalismo central se sentiram ameaçadas pelo crescimento de grupos organizados de minorias, mulheres, negros e LGBT, que buscam reivindicar seus direitos.

Contra esse movimento, as elites precisaram desenhar um novo modelo social que combatesse as greves e as lutas dos trabalhadores. “Eles diziam: ‘são marginais que devem ser colocados em seus lugares’ – ou seja, como espectadores, não participantes do processo político, enquanto a minoria de homens responsáveis comandam em nome de todo mundo”. Desde então, os lucros do mercado financeiro cresceram mais de 1000%, enquanto os salários reais declinaram.

Essa mudança de paradigma, que também demandou mudanças na educação para formar cidadãos mais “dóceis e obedientes”, preconizadas pelas reformas do Fundo Monetário Internacional e pelo Banco Mundial, geram “frustração, raiva e tristeza” na classe trabalhadora, que irá se voltar contra alvos mais vulneráveis. E, desde os anos 1970, quando aconteceu o “assalto neoliberal de Margaret Thatcher e Ronald Reagan [Primeira ministra do Reino Unido e o presidente dos EUA nos anos 1980]”, que preconizava a inexistência da sociedade – “existem apenas indivíduos”–, o modelo teve que ser renovado.

Criação de precariedades

Com a crise imobiliária de 2008 e as revoltas que se seguiram em todo o mundo, o sistema financeiro teve que buscar novas formas de garantir seus lucros. “A economia está desenhada para criar precarizados”, diz Chomsky. Segundo importante estudo do economista Alan Krueger, “95% do crescimento do emprego nos EUA entre 2005 e 2015 aconteceu em arranjos alternativos, temporários, de meio período, transformando a sociedade em um saco de batatas e criando uma mistura tóxica que pode irromper de formas perigosas, como vemos hoje pelo mundo”.

Avançou o “capitalismo corporativo”. “O poder corporativo se traduz em declínio da democracia”, analisa Chomsky. “A grande maioria da população é abandonada e os representantes apenas defendem os interesses dos doadores de campanha. A Amazon, a segunda empresa de US\$ 1 trilhão de dólares dos EUA, que consome 2% da energia elétrica do país, tem muitos subsídios, enquanto se cortam benefícios sociais. Só quem ganha é o agronegócio, as finanças, as grandes indústrias”.

Esperança

“Há um século, o Brasil era reconhecido como possível colosso e esse objetivo parecia à vista há alguns anos, quando se tornou talvez o país mais respeitado do mundo, sob a liderança de Lula e de seu ministro Celso Amorim, com seus impressionantes feitos. E isso é uma indicação do que pode ser alcançado pelo país. Nunca subestime os obstáculos à frente e tampouco a capacidade do espírito humano de superá-los e prevalecer”.